



04/81

SUPER PAULISTA



PAULISTÃO

SÃO PAULO — ANO 2
N.º 1 — 1981

Certificado de Autorização
n.º 01/00011/79
Secretaria da Receita Federal - Processo do Ministério
da Fazenda n.º
0168-51.372/79

Diretor Responsável
WALTER LACERDA

Diagramação
Máriovaldo Souza
Mineiro

Montagem e Arte Final
Cláudio Somacal

Redação
Praça Roberto Gomes
Predoza n.º 8
Morumbi — S Paulo



SUMÁRIO

Neste número o leitor encontrará coisas curiosas e interessantes sobre o êxito da Seleção Brasileira, já conquistando o passaporte para o Mundial da Espanha.

Qual a preferência de Marinho Chagas? Corinthians resolveu abrir o cofre.

Lusa, um clube estável, crescendo cada vez mais.

A vida de Emerson Fittipaldi,

Ao tempo de Pelé e Garrincha, quando as equipes do Santos e Botafogo, alinhavam grandes craques, justificavam-se as convocações de cinco, seis ou mais elementos para a formação da Seleção Brasileira. Ou, mesmo na época de ouro da Portuguesa, quando esta contribuiu com nove valores para a Seleção Paulista. Nos dias de hoje, entretanto, onde os clubes de categoria do país estão mais ou menos dentro do mesmo nível, não deixa de ser um fato histórico, a cessão de sete defensores do «Mais Querido» para integrar a seleção brasileira. Uma convocação feita paulatinamente à medida que o técnico Telê Santana ia sentindo as necessidades da equipe

e descobrindo onde estavam os talentos por ele escolhidos. O tricolor cedeu para o time brasileiro Waldir Peres (o primeiro ao alto), mais: Getúlio, Oscar, Renato, Paulo César, Sérgio e Zé Sérgio.

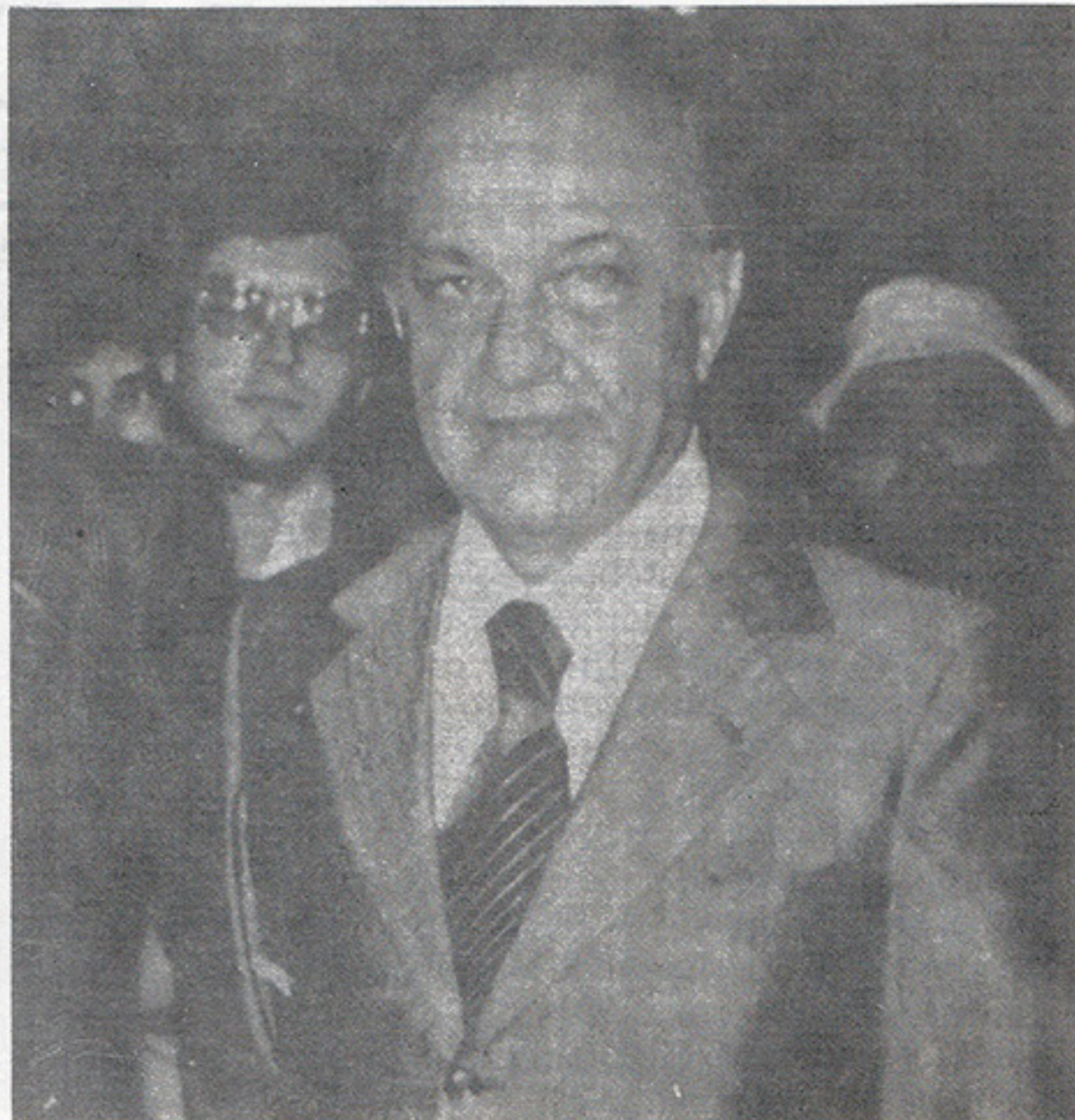
A equipe, entretanto, se constituiu numa verdadeira «Seleção». Não podemos esquecer o fato de Dario Pereira ser atleta de nível da Seleção uruguaia e que Marinho, ex-selecionado, pode também voltar um dia ao quadro nacional. Na gravura apresentamos os «sete homens de ouro» do São Paulo que atuaram na equipe brasileira que garantiu o passaporte do Brasil para o Mundial da Espanha em 1982.

ESTAMOS DE VOLTA



Antônio L.N. Galvão

— «Conforme prometemos, aqui estamos novamente com o «Paulistão», o «maior carnê do mundo». O São Paulo FC, graças à seriedade sempre mantida na distribuição e entrega de prêmios aos ganhadores, mantém-se fiel à tradição. Empregou os recursos financeiros conseguidos para a conclusão das obras do seu majestoso estádio, um dos orgulhos do esporte paulista. Agora pretende concluir e entregar os três ginásios, ampliando o seu parque poliesportivo, oferecendo aos associados, regalias inimagináveis. Enquanto isso o adquirente do carnê sabe que pode confiar naquilo que o tricolor está oferecendo. Nossa volta, já a todo vapor, nos anima a dizer que estamos preparados a mostrar o que representa o apoio e adesão dos desportistas de nossa terra a esse empreendimento do tricolor. Nosso objetivo é o de continuar oferecendo aos usuários do Estádio «Cícero Pompeu de Toledo» o maior conforto. Estamos cuidando, igualmente, de conseguir uma área maior para o estacionamento dos veículos, para que todos possam ficar tranqüilos e confiantes, por ocasião dos cortejos levados a efeito em nossa praça de esportes. Paralelamente a tudo isso, surgem os melhoramentos que podem ser sentidos dentro da área social, onde tudo se renova e se moderniza, sempre com o intuito de dar o máximo àqueles que freqüentam nossas dependências. Daí a certeza de estarmos sendo recebidos de braços abertos pelos desportistas em geral. Não apenas pelos são-paulinos em particular.



David Berlim

— «Nossa empresa, quando aceitou o convite do São Paulo, para dar seqüência ao plano de desenvolvimento do Estádio do Morumbi, sabia perfeitamente da responsabilidade que pesava sobre os seus ombros. Ao final do nosso primeiro ano de atividades junto ao povo deste grande Estado, que apoiou maciçamente o lançamento do «carnê» PAULISTÃO, sentimos ter cumprido, da melhor maneira, o nosso objetivo. Isso porque em nenhum mês, durante a campanha anterior, diminuiu o interesse do adquirente do carnê. Ao contrário. Com o correr dos dias e dos meses, diante dos extraordinários prêmios que estavam sendo entregues a todos os ganhadores, de forma pontual e inadiável, perceberam todos a lisura de comportamento da empresa e do São Paulo.

Agora voltamos à presença de todos os desportistas do maior Estado da Federação, com mais entusiasmo e um plano arrojadíssimo. Os prêmios são ainda melhores. Cada carnê, inteiramente pago, sem o consolo de ter tido um carro, uma motocicleta, televisor ou uma outra grande compensação, merece algo especial e grandioso, que só mesmo vendo, o portador do «carnê» poderá sentir e compreender a razão de o PAULISTÃO ser considerado o melhor de todos os empreendimentos no gênero. Nossa alegria e satisfação é ver um carnê, perfeitamente em dia, conquistar o prêmio a que faz jus. Daí a nossa recomendação: compre hoje e veja o que vai ganhar amanhã.

MARINHO

O SÃO PAULO FORMA SEU SUPER TIME.

Extrovertido, falando bem, sabendo qual o caminho para voltar à seleção brasileira, da qual se considera um injustiçado, Francisco Chagas Marinho, não veio para o São Paulo FC, para «salvar o time» nem tampouco sanar uma grande falha. Seu cartaz, aliado ao extraordinário futebol que é possuído, tornaram-no uma figura obrigatória do «Mais Querido». A mentalidade empresarial do grêmio do Morumbi, com larga visão do valor de um conjunto integrado por grandes astros, provocou a contratação do lateral são-paulino. Jayme Franco, cuja atuação no Departamento de Futebol surpreende a todos, pelo seu arrojo e dinamismo, além de cercar-se de bons elementos, encontrou em Antonio Leme Nunes Galvão, o presidente de visão, capaz de autorizar os grandes empreendimentos. Destarte, Marinho tornou-se mais um grande vulto no super-time formado pelo São Paulo. Sem dúvida, uma verdadeira seleção brasileira.

Desacreditado por muitos, em virtude de seu passado bastante comentado, Marinho pela maneira de Jogar, deixara inclusive o poderoso Cosmos, transferindo-se para o Fort Lauderdale, onde o tricolor o foi buscar. Confiante no seu futebol e na sua capacidade, ele veio com duplo objetivo: ganhar a posição no time e voltar a Seleção.

— A maior mágoa de minha carreira é exatamente a de não haver sido convocado para a Seleção do Brasil no Mundial da Argentina. Estava em excelente forma. Poderia ser bastante útil e ajudar, inclusive, o Brasil a vencer aquele torneio. Criaram, contudo, uma certa onda contra minha maneira de atuar. O técnico preferiu outro. Então segui em frente. Agora estou de volta.

— Disseram, na oportunidade, ser um «irresponsável tática». Sabem por quê? Fazia exatamente aquilo que o Junior faz nos dias de hoje na Seleção Brasileira. Naquela ocasião eu era ruim. Hoje o Junior, contra o qual não tenho absolutamente nada, é o maior. Isso ocorreu por um fato simples. Quando o time brasileiro atacava e eu procurava ajudar os meus companheiros Leão ficava lá atrás gritando para voltar. Aconteceu de o Brasil inteiro ouvir o «grito do Leão». Alguns repórteres, quando o arqueiro me chamava, punham o microfone em sua boca. Sua atitude, então, confundia o torcedor. Por isso, naquele jogo contra a Polônia, quando o Alfredo deu combate ao lado enquanto eu tentava fazer a cobertura pelo meio, surgiu o gol. Sai chorando de campo. Foi quando o Leão passou às mãos pela minha cabeça, nos vestiários, e perguntou: Está contente? Aquilo me feriu mais ainda.

— Nada tenho, porém contra o Leão. Aliás, na minha partida de despedida do Brasil, quando perdemos para o Vasco, o destacado arqueiro foi uma das maiores figuras em campo. Quando terminou o cotejo fui lá

e fiz questão de cumprimentá-lo pela sua brilhante conduta. Saimos abraçados do campo e o ressentimento acabou ali mesmo no gramado do Maracanã. Inclusive reconheço grandes virtudes no destacado guardião.

— Quando voltei ao Brasil, defendendo o São Paulo, estava um pouco fora de forma. Disse porém ao «seu Carlos Alberto uma coisa: «Depois de cinco ou seis jogos no time, estarei novamente pronto para disputar a posição com qualquer elemento. Hoje aí estou. Sou apenas mais um dentro de um grande time. Isso para mim é muito importante. Já consegui uma pequena vingança contra o Cosmos e ainda terei oportunidade de mostrar ser o mesmo jogador de antigamente... contra outros!

Mas falavam muitas coisas erradas sobre você...

— Vim garoto para o Rio. Fiquei deslumbrado. Cometi, realmente, alguns erros. Todavia, o casamento acertou de vez minha vida. Hoje sou uma criatura completamente diferente. Vivo para minha mulher e meus filhos. Não sou mais da vida noturna.

Entre futebol e música?

— Futebol é o meu ganha pão. Música minha diversão. Aliás, quando compus uma música, reverti os direitos autorais para uma instituição de caridade. Falo isso agora para muita gente não pensar ser exibição de minha parte e vontade de aparecer.

— Sempre procurei ajudar os menos favorecidos. No Rio de Janeiro uma vez por mês subia o morro e fazia questão de distribuir roupas para as crianças lá de cima. Aliás, no Botafogo não recebia prêmios por vitória ou empate. Ganhava por participação. Por isso meu bicho era certo. E fazia questão de distribuir um pouco do que ganhava com os pobres. Depois os abusos começaram e acabei com a história.

A razão da saída do Cosmos?...

— Prefiro não tocar no assunto. Se fosse botar a boca no trombone, as coisas acabariam ficando pretas. E, sei há muito tempo, que a corada sempre arreventa do lado mais fraco. NO caso, o meu...

E a seleção?

— Não vejo um outro elemento com as mesmas características do Junior, a não ser o Marinho. Se o técnico segue uma linha de raciocínio para dar um esquema de jogo, é preciso sempre pensar na contusão de um jogador-chave. Como o Junior vem desempenhando muito bem a sua função na equipe brasileira como esta ficará se num encontro difícil ele se contundir? Vai entrar um outro valor com características diferentes? Não dará certo? Só espero, dentro do São Paulo, corresponder à confiança depositada no Marinho. POR uma razão simples: quem sabe, sabe. Quem não sabe, bate palmas...



Marinho e Oscar, ex-defensores do Cosmos, ao lado dos seus antigos companheiros. Marinho teve a sua primeira vingança envergando o uniforme do tricolor do Morumbi.

RAQUEL WELCH UM BOM SONHO.

Francisco Chagas Marinho, lateral esquerdo do São Paulo FC, já atuou no Botafogo, Seleção Brasileira, Cosmos e Fort Lauderdale. Nasceu em Natal, em 2 de outubro de 1952, é casado e tem dois filhos. Seu anseio maior é retornar à seleção brasileira. Para uma revista italiana Marinho não escondeu um grande sonho: Raquel Welch.

Sua recordação mais linda?

— A abertura do Mundial de 74 e a vitória

alcançada no Cosmos, como campeão.

E a pior?

— Não haver sido convocado para a seleção brasileira para o Mundial da Argentina em 1978.

O maior jogador que já viu?

— Pelé

A melhor equipe?

— Santos, de Pelé e agora o São Paulo

Um triunfo excitante?

— Por enquanto, nenhum

Um País que você gostaria de morar?

— No Brasil. Fora dele, Estados Unidos ou Itália

O que você aprecia mais, além do futebol?

— Ouvir música e andar de barco

Artista que aprecia?

— Raquel Welch

Qual o programa de televisão que mais aprecia?

— Todo aquele que é esportivo

Leitura que aprecia?

— Jornais e revistas esportivas

Que música prefere?

— De discoteca e rock

Cantores?

— Os «Bee Gees»

O que mais detesta na vida?

— As pessoas sem palavra, desonestas

Quem influenciou em sua carreira?

— Nilton Santos, um dos maiores jogadores do mundo

Se você não fosse jogador o que gostaria de ser?

— Cantor

O que você gostaria de encontrar em sua vida?

— Rachel Welch

BRASIL JÁ DEU "OLE"!



O técnico Telê Santana, que havia ameaçado deixar a direção técnica da equipe brasileira caso não fizesse um contrato à altura, encontrou em Sócrates, o grande líder que o Brasil precisava dentro do campo



Reinaldo no seu gesto típico após marcar o tento que garantiu a vitória do Brasil em gramados de La Paz

O Brasil já conseguiu dar o seu primeiro «Olé», para a Copa do Mundo a ser disputada em gramados da Espanha. Superou altitude, arbitragens ruinosas, retrancas desesperadas, além de uma vilência tolerada, de maneira sóbria, pelos ilustres homens de preto. Sem reagir a provocações, teve alguns de seus elementos suspensos mas conseguiu mostrar, ao resto do Mundo, que o time dirigido por Telê Santana, poderá surgir no Mundial de 1982, com largas possibilidades. Não se pode negar o resto excessivo registrado para os três gols que garantiram os quatro pontos conquistados em gramados da Venezuela e La Paz. Todavia, forçoso se torna reconhecer, o esforço foi compensado.

Primeiro, pela confirmação dos resultados conquistados em gramados brasileiros, onde oito gols foram feitos. Segundo por não pairar, em qualquer instante, qualquer dúvida sobre a capacidade do time nacional. Uma equipe, é bom salientar, cuja presença na «Copa de Ouro», levada a efeito em gramados do Uruguai, era até olhada com um certo pessimismo. Depois da «suada» vitória da Argentina sobre a Alemanha, se o quadro nacional perdesse, sua campanha já sofreria uma nódoa. Inclusive, a própria cabeça do técnico Telê Santana, àquela altura dos acontecimentos, estava pendente. Feridos em seus brios, antecipadamente batidos pelos prognósticos, pois ninguém arriscava um «round» dos dois que seriam disputados em noventa minutos, em favor dos nossos. Inclusive a crítica estrangeira apontava, como favorito destacado, o quadro campeão mundial de futebol. Após noventa minutos, entretanto, os argentinos respiravam aliviados e agradeciam à «Dona sorte o empate registrado contra os brasileiros. Isso porque, time por time, o onze nacional deixara o seu poderoso adversário, no chinelo.

Aquele empate, mantendo de pé as esperanças brasileiras, impunha entretanto, a obrigação de uma vitória superior a dois gols ou, na melhor das hipóteses, fazer três tentos nos campeões da Europa. Era, sem dúvida, uma exigência tremenda para um qua-

dro que, ainda, não havia caído nas boas graças da torcida, em geral. Todavia, após o contundente placar aplicado ao onze germânico, o quadro brasileiro passou a ser olhado, pelo resto do mundo, como um time ainda capaz de chegar à Espanha, pronto para repetir o seu último e grande feito, que foi na Copa do México, em 1970.

POUCAS FALHAS

Passadas as primeiras e duras provas, eis que o quadro brasileiro já em maio terá que demonstrar, na cancha do «inimigo» até onde chega, na verdade, a sua recuperação técnica. Jogando contra a Inglaterra, lá em Wembley e diante da Alemanha, em sua terra, contra um time sequioso por uma vingança, a tarefa do quadro dirigido por Telê Santana, será perigosa. Embora tenhamos passado, com sustos e preocupações, mas com muita coragem, pelos conjuntos da Venezuela e Bolívia, lá e aqui, o time ainda não está perfeito. A meta ainda preocupa. Embora Waldir Peres, de todos os guardiões testados tenha sido o que melhor impressão tenha causado, a zaga ainda preocupa um pouco. Aos poucos Oscar vai retornando à sua melhor forma. Edevaldo, bastante fogaoso e cheio de entusiasmo pela direita, deixa atrás de si um grande corredor. Ele parece não saber dosar, ainda, o momento de ir e o de ficar, para ajudar os seus companheiros.

Na esquerda Junior, a exemplo de Edevaldo, vai muito à frente, obrigando Luizinho (a grande revelação do Brasil) a se desdobrar lá atrás. E, agora, que o time veio a perder o concurso de Batista, o excelente «anjo da guarda» de Oscar e Luizinho, as coisas poderão ficar um pouco mais difíceis para a dupla de área brasileira.

Na ponta direita, Telê ainda não encontrou a solução ideal. Paulo Isidoro «pintou» bem no «Mundialito». Sua suspensão de três jogos, entretanto, o afastou das pelepas finais das Eliminatórias. Telê tentou resolver o problema com Tita. Mas o defensor do Flamengo não tem «Cacoeite» de ponta e nem brilho como Paulo Isidoro.

A solução teria sido, sem dúvida, Paulo César, do São Paulo. O garoto, entretanto, com a responsabilidade de



Sócrates que aparece no lance acima, acabou, de maneira natural, impondo-se como líder que o técnico Telê estava buscando dentro do campo de jogo

«explodir», inibiu-se. Deixou o seu bom futebol no Morumbi e acabou não sendo o valor que todos esperavam no time nacional. Teve uma chance e... olhe lá. Deve dar-se por satisfeito por haver sido convocado. Sérgio ou Reinaldo? O técnico tem opção de jogo para qualquer adversário. Um é mais valente, agressivo e rompedor. Não tem medo de cara feia. Outro, mais sutil, técnico e habilidoso com a pelota nos pés. Na esquerda, igualmente, o técnico já não sabe a quem escolher. Se mantém Zé Sérgio, o ponta que inferniza qualquer sistema defensivo, ou fica com Eder, cuja bomba pode sempre permitir um «estouro» na cidadela adversária.

O meio de campo do Bra-

sil está perfeito. Cerezzo, Sócrates, Zico, Renato, para não se falar, ainda, da possibilidade de contar com Paulo Roberto Falcão para a Copa do Mundo, deixa a torcida brasileira alegre e confiante, certa de uma coisa: desta feita não estaremos sofrendo como na Argentina. Telê, inimigo da «tática do medo», sistema esse usado por Zagalo e Coutinho nos dois últimos mundiais, quer um Brasil ofensivo. Arrasador. E na hora em que encontrar um ponta capaz de dar à linha de frente o poderio sonhado pela torcida, então o quadro ficará em condições de ganhar o caneco lá na Espanha.

Vemos, portanto, ligeiras falhas na meta, lateral direita, e ponta direita. Sanando-se

esses três pontos básicos ou dando a Waldir confiança total, o Brasil pode partir tranquilo, pois nas demais posições, o quadro está embalado e confiante.

DIFICULDADES

É fora de dúvida, contudo, que encontrará enormes dificuldades pela frente. As duas principais são do nosso continente. A Argentina pouco a pouco está recompondo o time de 1978. Kempes já retornou. Maradona é o grande astro. Ardiles tem presença assegurada. Bertoni deve vir para o Mundial. Então o quadro platino melhorou, de uma certa forma, o seu potencial humano. O Uruguai, depois da conquista do «Mundialito» e do Mundial Interclubes, provou que sua atual safra é ex-

celente. No Velho Mundo, além da Alemanha, o grande fantasma, há também a Inglaterra e Itália, cujo futebol começa a ser olhado com mais seriedade, em se tratando de seleção. Falamos dessa maneira pois há alguns anos os peninsulares pensavam mais em clubes e menos em seleção. Agora a mentalidade dos italianos mudou. Ajutando-se a tudo isso o desenvolvimento futebolístico da Bélgica e a disposição dos soviéticos em conseguir um mundial, veremos que as coisas na Espanha não serão fáceis. Todavia, se demos «Olé», por aqui, poderemos também pegar o touro à unha, lá mesmo em Madri!



Zé Sérgio, o extraordinário ponteiro do S. Paulo e da seleção brasileira



A provocação aos brasileiros, nas eliminatórias, veio de todos os lados. Em La Paz, embora não tivesse agredido ninguém, Toninho Cerezo foi acusado, pelo árbitro, e suspenso por três partidas. Não poderá participar do primeiro jogo do Brasil na Espanha

O "cacique" está abrindo o cofre

Aí está o Corinthians de presidente novo e time novo. O primeiro é Valdemar Pires, que tendo Vicente Mathus como vice, derrotou Isidoro Mathus e José Borbola nas urnas do Parque São Jorge.

O segundo é uma equipe onde surgem Joãozinho, Zenon, César, Wasington e muitas promessas de outros craques para darem ao Timão a dimensão de Grande que se ofuscou na precoce eliminação na Taça de Ouro. Se as eleições não chegarem a sensibilizar a torcida, porque no final das contas era a briga entre irmãos e o continuismo Mathus na gerência do clube, as contratações começam a despertar certo interesse, muito embora ainda falte a grande contratação que faça «explodir» as manchetes e movimentar os radialistas.

Claro que Joãozinho é um craque, Wasington um artilheiro que pode substituir Sócrates quando este for para a seleção, e Zenon é o líder do meio campo que ainda não ganhou tempo e companheiros certos para mostrar todo o seu talento.

Quanto a Cesar, foi uma contratação um tanto no escuro, em termos de receptividade da imprensa e da torcida, que esperavam um Carlos ou um Wendell.

De qualquer forma uma tônica surgiu: o Corinthians abriu os cofres.

Ele os fechou para a Taça de Ouro e se deu mal. Agora viu o erro e o está consertando a tempo.

A tempo, porque o campeonato paulista, apenas da grandiosidade da Taça de Ouro, ainda é o campeonato que mexe mais com a torcida.

É a tradição, a rivalidade, os velhos clássicos re-moçados em caras novas que motivam o torcedor e lhe dão maior interesse porque se passa «dentro de casa», enquanto a Taça de Ouro se dilui pelas inúmeras fases onde zebras e zebrinhas vão derrubando equipes de prestígio como o Corinthians, Palmeiras, Portuguesa, Atlético Mineiro, Santa Cruz, Cruzeiro e outras mais.

O campeonato paulista é como o reencontro de vizinhos, cordeais nos bate papos, mas que se agitam em discussões e revalidades quando sentem a uma mesa para um joguinho de buraco ou para aquela «escopa» de todas as semanas.

O torcedor é, também, um jogador.

Aposta nas cores do seu clube, e aí está a Loteria Esportiva adiando fortunas porque o corinthiano nunca crava a cruzinha no nome do adversário.

É assim que a torcida vê o campeonato paulista e o aguarda com paixão, com interesse, a ponto de colocá-lo como mais importante que o título brasileiro.

Que o diga o Guarani que já ganhou a Copa de Ouro e este ano conquistou a Taça de Prata. Ninguém se sensibilizou com o título.

Mas a fãxia de campeão paulista dá mais valor, mais interesse, mais orgulho aos que a conquistam nos campos e os que a aplaudem nas gerais e arquibancadas.



César uma das mais recentes conquistas do Corinthians. Veio do norte para resolver um problema na meta do alvinegro. A recomendação em torno do seu nome é muito boa

Claro que também há corinthianos de numeradas, mas estes na hora da decisão de um título são mais «povão» que aquele que fica o ano inteiro sentado nos degraus de cimento, ao sol e à chuva.

Está o Corinthians no caminho e na hora certa das contratações.

Agora que vão sobrando clubes na Taça de Ouro, e os dirigentes começam a fazer as contas de seus prejuízos, o mercador começa a ser aberto pela natural lei da oferta e da procura.

O Parque São Jorge procura craques e tem dinheiro até empregado no mercado financeiro.

Muitos tem craques e promissórias a vencer.

A vantagem é de Vicente Matheus, que mesmo ficando Vice, continha guardando o seu carro no lugar reservado ao presidente na velha Fazendinha.

E nestas conversas de pé de ouvido, de eu dou tanto e eu quero xis, o velho Matheus com sua falsa humildade, passa por cima dos elegantes e esportos que não tem a mesma força da palavra, e do dinheiro, que o cacique do Parque possui.

Por isso o Corinthians pode formar o Timão que justifique o apelido que ganhou, mesmo quando passava 23 anos sem ver a faixa de campeão paulista.

A sua fiel quer vitórias, quer time, quer jogadores que sejam conhecidos e reconhecidos pelo seu perfil futebolístico.

E isso o Corinthians está procurando, achando aqui

e ali algumas dificuldades, mas as superando com a força do vil metal que soa mais alto que todas as caturricas dos que acham que «inegociável» é uma palavra sã no mercado futebolístico.

Até o início do Paulistão-81, o Corinthians vai chegar ao time que a sua torcida quer, e precisa.

Uns poucos já chegaram, uns muitos estão apalacrados e alguns ainda surgirão como passe de mágica do homem que pegou um avião foi a Londres, viajou para a Arabia e deixou os dirigentes do Internacional de Porto Alegre perderem a fala, quando viram Zenon descer em Viracopos para posar ao lado de Matheus com a camisa do Corinthians.

O homem é fogo quando se dispõe a topar um parada.

Foi assim nas eleições que ganhou, mesmo quando sabia que tinha pela frente dívidas e descrédito.

Transformou o vermelho dos livros contábeis no azul brilhante do superavit. Esqueceu um pouco o time, porque achou que dois títulos paulistas num clube que ficou 23 anos esperando por um, já era um grande aval.

Não foi tanto assim.

Mas dos erros, ele soma virtudes.

É o grande Corinthians, que bate recordes e leva a Fiel até lotar um Maracanã e apequenar a torcida do Fluminense, está surgindo para este Paulistão. É só esperar para conferir.



Decidindo abrir os cofres do clube, acabou o ex-presidente corinthiano Vicente Matheus indo buscar alguns reforços pois a torcida do clube está exigindo uma equipe poderosa e forte no certame paulista.

ABECEDÁRIO

A



Almir é de grande eficiência para o time do S. Paulo

— Almir, o excelente médio volante do São Paulo, apesar da sua excelente postura no gramado, ainda não conquistou a confiança e apreço, de uma certa parte da crônica esportiva bandeirante. Embora o tricolor tenha contratado Elvío, a grande revelação da Internacional, de Limeira, no começo do ano, Almir não deu mostras de ser perdido a posição. Continuou lutando com denodo e hoje, queiram ou não, é um dos maiores valores, como médio defensivo, dentro do futebol brasileiro.

B

— Bonita, sem dúvida, foi a campanha cumprida pelo Brasil na série de compromissos internacionais disputados no corrente ano. Começou no «Mundialito» levado a efeito em gramados urugaios. Telê Santana conseguiu armar o time. Os gastos da CBF foram

elevados. O custo das duas vitórias fora do Brasil custou aos cofres da entidade a soma de um milhão de dólares. Eles começaram a ser gastos a 23 de janeiro, quando a equipe saiu com destino a Bogotá, na Colômbia, situada a 2.740 metros sobre o nível do mar. Alcançamos em La Paz, 3.600 metros. Somando-se os gastos e dividindo-se pelos metros, podemos dizer que a CBF gastou cerca de 277 dólares por metro. Mas compensou.

C

— Começou o Palmeiras a reforçar o seu elenco de profissionais, tendo em vista o Campeonato Paulista de 1981. Além de Aragonês, o excelente jogador boliviano, os demais reforços conquistados pelo clube do Parque Antártica indicam que o alviverde está disposto a recuperar o terreno perdido nas últimas temporadas. Aliás, o clube esmeraldino, deseja mudar a forma de disputa do segundo turno, para dar mais emoção ao transcurso do certame. Aragonês é a grande esperança esmeraldina para este campeonato paulista.



Aragonês, reforço palmeirense

D



Carlos Alberto Torres preferiu ver o Carnaval e foi afastado do Cosmos

— Dureza completa e total adotou o treinador Weisweiler, do Cosmos, em relação ao jogador brasileiro Carlos Alberto Torres. Tendo este elemento deixado a delegação do clube norte-americano em Montevideo, para vir passar o Carnaval no Rio, não foi perdoado e o técnico tirando-o da equipe declarou à direção do Cosmos: «Ele ou eu». Como o preparador alemão vem realizando um bom trabalho, Carlos Alberto foi dispensado e agora nem a sua prometida festa de despedida, no Cosmos será levada a efeito. Nem os pedidos de Pelé adiantaram para manter Carlos Alberto nas fileiras daquela agremiação.

E

— Excursão dura, corrida e movimentada fará o time do São Paulo com os seus grandes corpos, no fim do mês de maio e começo de junho. Com todos os valores da seleção brasileira enfrentará o Milan, dia 21 de maio, em San Siro; Seleção da Espanha, dia 24.5. em Madri; Seleção do México, dia 26.5, na Cidade do México; Los Angeles Aztecs ou América da Cidade do México, dia 28, em Los Angeles; Seleção de Guadalajara, dia 31, em Guadalajara «Strikers», em Fort Lauderdale, Miami, Florida, no dia 2.6 e, finalmente, o Cosmos, dia 4.6. em New Jersey, nos Estados Unidos.

F

— FIFA, na sua reunião do Comitê Executivo, dia 7 de maio, em Madri, promete uma decisão importante contra a Liga Norte-Americana de Futebol por estar permitindo, esta entidade, partidas de futebol que fogem às normas determinadas pela FIFA. Inclusive, existe a ameaça de desligamento dos norte-americanos junto à entidade máxima do futebol mundial. O receio de todos os países do Velho Mundo é que uma medida desta ordem venha a tornar a NASL numa «Liga Pirata», podendo contratar os maiores profissionais do Mundo sem necessidade de pagar o atestado liberatório de qualquer um deles aos seus clubes de origem.

ESPORTIVO

quele magnífico jogador e pretendem firmar um novo compromisso, após o final da temporada inglesa, por mais um período de três anos.

H

— Helenio Herrera, o famoso técnico do futebol mundial, atualmente dirigindo o Barcelona, clube ao qual pertence o avante Quini, há pouco tempo seqüestrado, salientou que o futebol italiano «é uma verdadeira mafia e que o técnico Bearzot é um incompetente sem condições de dirigir a «Squadra Azzurra». Por sua vez, Bearzot, respondendo àquelas críticas salientou que «Helênio Herrera é um bufão. Fala, fala e não consegue nunca bons resultados no campo de jogo».

J

— Johan Cruyff, o famoso astro do futebol holandês, atualmente jogando numa equipe da segunda divisão da Espanha (Levandre), mas ganhando um salário elevado, diz que sua volta à equipe da Holanda está inteiramente fora de cogitações. Motivo: ele representa determinada fábrica de produtos esportivos na Europa. O time da Holanda, outra. Há, portanto, ligeira «incompatibilidade comercial» que ninguém conseguiu contornar. Ou Cruyff joga com a camisa que leva sua marca comercial, ou...

M



O técnico Antoninho confia no time de juniores do Brasil

— Mostrou a equipe de Juniors do Brasil, quando do torneio da Juventude levado a efeito em gramados do Equador, condições de brilhar no Mundial a ser disputado na Austrália, em outubro vindouro. A equipe nacional já ficou sem Zizinho, atacante do São Paulo, vendido ao América, do México, por 500 mil dólares, mas deve conseguir, segundo o técnico Antoninho, outros reforços. O Brasil, colocado no grupo B, estará ao lado de Itália, Romênia e Coréia do Sul. 16 nações participam do mundial a ser iniciado no dia 3 e que terminará no dia 18 de outubro. O primeiro adversário do Brasil é a Romênia; o segundo Itália, no dia 6.10 e o terceiro a Coréia, no dia 8.10. Mesmo que fique como vice do grupo, o Brasil participará das quartas de final.

O

— Ouvido pela crítica esportiva argentina, quando foi receber o seu troféu, como segundo melhor jogador do continente, conforme enquete feita por uma emissora platina, na consulta feita a mais de 200 críticos esportivos da América do Sul, Zico confirmou ter recebido, na verdade, uma extraordinária proposta do Milan, para defender aquela agremiação na temporada vindoura. O Milan, rebaixado para a 2ª. Divisão este ano, no próximo voltará à 1ª. e pretende ter o concurso do avante brasileiro. Mesmo que seja após a Copa da Espanha. Confessou Zico que a proposta italiana é irrecusável.

R

— Rivelino, o extraordinário meia do futebol paulista, brasileiro e mundial, terá o seu contrato terminado em maio vindouro com o El Helal, de Riad, na Arabia Saudita. Embora o Príncipe, dono do clube, venha insistindo pela permanência do destacado jogador por mais uma temporada naquele país, os familiares de Riva desejam tê-lo novamente em São Paulo. O atleta possui magnífica proposta do Cosmos, mas deseja defender uma agremiação nesta capital, para encerrar sua carreira (35 anos) no Brasil ainda este ano. O Corinthians está acenando para Rivelino fazer suas despedidas no clube onde começou, mas o avante mostra-se inclinado a atuar ao lado do seu primo Zé Sérgio, no S. Paulo.



Presidente da FIFA, dr. João Havelange, mostra-se intransigente com relação à Federação norte-americana de futebol

G

— Graças ao empenho do técnico César Luís Menotti, a Argentina está procurando reconquistar todos os grandes jogadores que, após o Mundial de 1978, foram contratados por equipes estrangeiras. Já trouxe Kempes, vai ver se consegue Bertoni, mas está encontrando algumas dificuldades em ver se o Tottenham libera Ardilles. Os ingleses mostram-se satisfeitos com o desempenho da-

O SANTOS VOLTOU AOS BONS TEMPOS



O Santos depois que passou a ser treinado por Sérgio Clérice demonstrou muita categoria e capacidade. Foi eliminado dentro do Certame Brasileiro pelo S. Paulo

Depois de perder Pelé & Cia., o Santos FC teve uma aguda fase de declínio determinada por vários fatores, a saber: 1) Boa administração; 2) Valores à altura de substituir um fabuloso elenco; 3) Um técnico capaz de dar confiança aos valores «fabricados» nas fileiras inferiores do alvinegro. Ficou provado não ter dado os resultados esperados, o aproveitamento, na sua direção técnica, de antigos jogadores. De todos os que por lá passaram como Mauro, Olavo, Pepe, Alfredinho e alguns outros, o único que logrou melhorar as condições do elenco, foi o ex-centro médio da agremiação santista, o mineiro Francisco Ferreira Aguiar, o popular Formiga.

Entretanto, quando o Santos começava a resurgir, liderado por Formiga que deu mão forte e confiança aos jovens, um tentador convite da Arabia Saudita o levou para aquele país. E, nos dois anos à testa do Nasser, Formiga conduziu o time ao bicampeonato da Arábia. Seu prestígio é tremendo e os petrodolares dificilmente permitirão sua volta a Santos e ao Brasil. Não aceitando na direção técnica nenhum dos antigos atletas, os praianos viveram dias tormentosos. com Rubens Quintas na presidência do clube, as coisas mudaram da água para o vinho. O clube passou a ter sua vida administrativa em dia. Deu-se maior assistência ao Departamento Infante-Juvenil.

Criou-se uma outra mentalidade.

Afastou-se, de uma vez por todas, a imagem de Pelé e do antigo Santos. Procurou-se não mais estabelecer comparações entre João Paulo e Pepe. Nilton Batata e Dorval. Enfim, de jogador por jogador, entre o atual e o antigo elenco. Quando Quintas foi buscar Sérgio Clérice, ex-jogador brasileiro que brilhou no futebol italiano e que retornando ao Brasil passou a dirigir a Ferroviária, deu o primeiro passo para recuperar todo o prestígio praiano. Clérice, depois de dar padrão e capacidade à Ferroviária, de Araraquara, foi para o Palmeiras. Em dois meses, contudo, não teve a menor chance de preparar o time. Desde à sua chegada, o clube esmeraldino viveu sempre à sombra de Osvaldo Brandão.

Meio desprestigiado, retornou ao interior fixando-se em Limeira onde conseguiu, com A.A. Internacional, classificar-se entre os melhores do futebol paulista, garantindo a vaga daquela agremiação para sua participação na Taça de Ouro. Deixando para trás Palmeiras, Guarani, equipes que antes eram tidas como certas no «bloco de cima» do certame nacional. Clérice, falando pouco e agindo muito, dispôs-se a realizar um trabalho a médio e longo prazo, dentro do Santos. Para isso teve carta branca da diretoria do «Peixe». Os resultados começaram a surgir. O time, antes sem

padrão, passou a entusiasmar sua torcida. Até mesmo no revés, o torcedor não ficava aborrecido com a equipe.

À medida que o Campeonato Brasileiro ia avançando, mais amentava o poderio do Santos. Na impossibilidade de conseguir um quarto zagueiro à altura das demais posições, Sérgio Clérice ali colocou Miro. Um jogador de excelente porte físico. Mas, de modesto futebol. Para a sua luta com o Botafogo, do Rio, onde decidia o primeiro lugar, para evitar um confronto direto com o São Paulo, o Santos martelou o reduto final adversário, mas não logrou os tentos que lhe abririam maiores possibilidades de permanecer na disputa, pois nesse caso, o seu adversário seguinte seria o CSA e não o poderoso conjunto do São Paulo. Todavia, com o Botafogo, apesar do insistente domínio, não conseguiu fazer um gol.

Quem viu o clube praiano, nas contendas com o São Paulo, sentiu, de maneira bastante clara, ter o clube da Vila retornando aos seus melhores tempos. Futebol envolvente. Habilidoso. Insinuante. Agressivo. Com um maestro regendo a orquestra dentro do campo. Um garoto, ainda, mas com futebol de real expressão: Pita. Um meia, várias vezes convocado pelo técnico Telê Santana, mas sem ter tido a chance de figurar no quadro titular do Brasil por existirem valores da capacidade de Sócrates, Zico e Cerezo, por aquele setor. Ao lado de Gilberto Costa, que retornou ao Santos mostrando um excelente futebol e de outro garoto, diplomado nas fileiras inferiores, Toninho Vieira, o meio de campo praiano tornou-se verdadeiramente espetacular.

A sorte do São Paulo, diante do clube praiano, foi a de contar com uma defesa digna da seleção brasileira. Não só Waldir Peres, fez alguns milagres como Oscar, Dario Pereira, Marinho Chagas e Almir, tiveram que fazer verdadeiros prodígios para manter à distância, os dianteiros santistas. Viu-se então o Santos do futuro, mostrando categorias e capacidade nos jogos sustentados contra o São Paulo. Um time cuja vantagem inicial era a de lutar por um empate. Em ambos os cotegos. Como venceu o primeiro, sua situação ficou bem mais folgada. Mas o Santos, deixou a torcida do tricolor com o coração nas mãos.

Do arco ao ponta esquerda, existem valores de primeira linha. Marola, o substituto de Waldir Peres na seleção, provou, mais uma vez, ser o guardião do futuro. Nelson, Joãozinho, Washington na extrema defesa só precisam de um melhor companheiro pela quarta zaga. Meio de campo esplêndido, onde Pita ao lado de Toninho Vieira e Gilberto Costa, tomam conta do setor com tal facilidade, que ninguém sabe o que fazer para contê-los. Gilson é bom e precisa apenas um pouco mais de tempo para «deslanchar» enquanto que João Paulo, na esquerda, provou ser um dos melhores pontas do futebol brasileiro. No dia em que Biônico ou Aluísio souberem aproveitar as investidas dos ponteiros, o Santos estará novamente ganhando os aplausos (merecidos) de sua grande torcida.



Pita, embora não tenha atuado na seleção é um jogador cujo futuro na equipe brasileira parece certo, quase definitivo



João Paulo, excelente valor do Santos e um dos melhores ponteiros canhotos do Brasil

PORTUGUESA JÁ PROVOU: É UM GRANDE

escreveu: Grego



Orgulhosamente o «capitão» do time, Zé Mário, conduz o troféu internacional conquistado pela Portuguesa no torneio em que participaram Sporting, Corinthians e o campeão carioca, Fluminense

Em 15 jogos, na Taça de Ouro, a Portuguesa perdeu dois, fez 20 pontos, foi o 7º colocado na classificação geral das duas fases, mas ficou fora da luta por um título que já foi seu, quando o torneio se chamava apenas Rio-São Paulo.

Curioso é que a torcida lusa, quase passional na sua adoração as cores que para os mais fanáticos representam a bandeira do seu país, que um dia deixaram com um lenço acenando e uma promessa de voltar, não está saindo pelas esquinas e pelos quiosques do Canindé para criticar dirigentes e jogadores.

Mudou a torcida ou mudou a Portuguesa? Parece que a mudança foi total.

Hoje a legião rubro-verde não é a mesma de épocas passadas, quando ia para os estádios já pronta para o revide nas gerais e arquibancadas, porque a menor discussão sobre o jogo lá vinha a palavra «burro» insultando o brio e a dignidade dos portugueses que para aqui vieram em busca de um lugar ao sol.

Essa beligerância da torcida, se transportava para o gramado, onde os jogadores-brasileiros recebiam o mesmo insulto e a mesma provocação.

Então a Portuguesa era, sempre, um caldeirão emotivo, passional, pronto para a briga, porque cada jogo era uma luta conta o insulto e o adversário.

Aos poucos as coisas foram mudando. As «anedotas de português» foram caindo de uso, e a torcida começou a aplacar-se, sentido-se mais esportiva que patriótica.

Há vários anos que a emigração portuguesa para o Brasil diminuiu sensivelmente. Eram centenas de milhares que todos os anos desciam com suas esperanças nos portos de Santos, Rio e Recife.

Agora são apenas alguns poucos que vem tentar a sorte nestas plagas, mas já surgindo de paletó e gravata, pastinha 007 e uma formação mais esmerada que anula a primeira investida dos que, sempre, gostam de contar uma anedota de português.

Paralelamente a Portuguesa deixou de ser um clube de 11 camisas, um saco às costas dos velhos roupeiros que corriam os campos de várzea em dias de treino, e os associados tinham apenas duas mesas de bilhar, uma quatro mesas de bar para jogar sueca, na demolida séde do Largo São Bento.

O Canindé foi emancipando a Portuguesa. Primeiro, como a folclórica «Ilha da Madeira», com suas arquibancadas de madeira, seu acesso difícil, e onde na saída os mais ousados atravessaram a velha ponte assentada sobre barris em cima do rio que corria onde hoje é a segura e asfaltada Avenida Marginal.

O cimento foi destruindo os velhos andaimes e o progresso foi dando urbanização, onde apenas existia mato, lôdo e os ventosw que uivavam na noite assustando corujas e fazendo os sapos pularem no brejo sêco.

Hoje o Canindé é uma pequena cidade, bem defendida em sua privacidade pelos altos muros e seus porteiros atentos e fiscalizadores.



Já é comum uma vibração desse jeito em todos os jogos da Portuguesa em sua nova e magnífica praça de esportes, no Canindé

Deixou o time rubro-verde de ser apenas uma equipe de futebol.

Transformou-se num clube de milhares de sócios, e em princípio, de poucos torcedores. Estes eram os portugueses de ontem, que não tinham mais aquele apêgo ao velho clube, que sentiam ter mudado (para melhor) mas sem aquela força do desafio que era, antigamente, para o torcedor da Portuguesa ir aos estádios para enfrentar as torcidas rivais.

Uma nova legião surgiu. Os filhos dos portugueses, e tantos outros brasileiros sentiram no dia-a-dia do Canindé, nas piscinas e no ginásio, um ambiente cordial, amigo, quase fraterno, que desfazia daquela imagem de valentões, fanfarrões e até malcriados como eram olhados os torcedores da velho Lusa.

Mudou-se assim uma imagem e um clube.

Que sai de uma Taça de Ouro, sem discussões, sem crises, sem dedos em riste para o técnico, jogadores e dirigentes.

Esta nova Portuguesa está aí, ainda sem ter aferido a realidade de sua nova potencialidade.

Neste início de ano, as luzes dos refletores do Canindé já mostraram que sua torcida não é mais aquele «lote» de 3 mil torcedores que se mantinham fiéis em todos os jogos.

Aumentou e diversificou-se. É a mesma torcida, mas com outra gente. Ou, se quiserem, com mais gente, mais povo, mais vibração.

É realmente sensacional verificar esta emancipação da torcida da Portuguesa pela realidade em encarar futebol, onde sua equipe perde apenas dois jogos e sai da luta por um título.

Há, no Canindé, um novo sentido de esportividade, de compreensão, de receptividade ao velho lema, que poucos aceitam, de que «o importante é competir».

E a Portuguesa mostra o seu uniforme nosgramados, nas pistas de ciclismo, nos riques de patinação, e, até nas corridas de automóveis.

É um clube em marcha para o seu destino.

Fundada em 1.920, a Portuguesa até agora ainda não se ombreou com o rótulo de Grande. Ela só aparecia como tal, nos clássicos. Hoje, não.

Tem torcida própria para os jogos caseiros, para aquelas partidas em que a sua torcida é a única a levar bandeiras, incentivos e aplausos.

Sinceramente, parece que 1.981 está sendo o grande ano da Portuguesa.

Pradoxalmente, num momento em que ela amargura uma desclassificação da Taça de Ouro, onde um regilamento exdruulo a deixa de féra, mantendo outras equipes que mostraram muito menos futebol (pontos ganhos) e continuaram acreditando na conquista do grande título do futebol brasileiro.

A Portuguesa está aí, gente. Grande, como sempre quis ser.

Grande, como já o é.

*GREJO

ÊMERSON

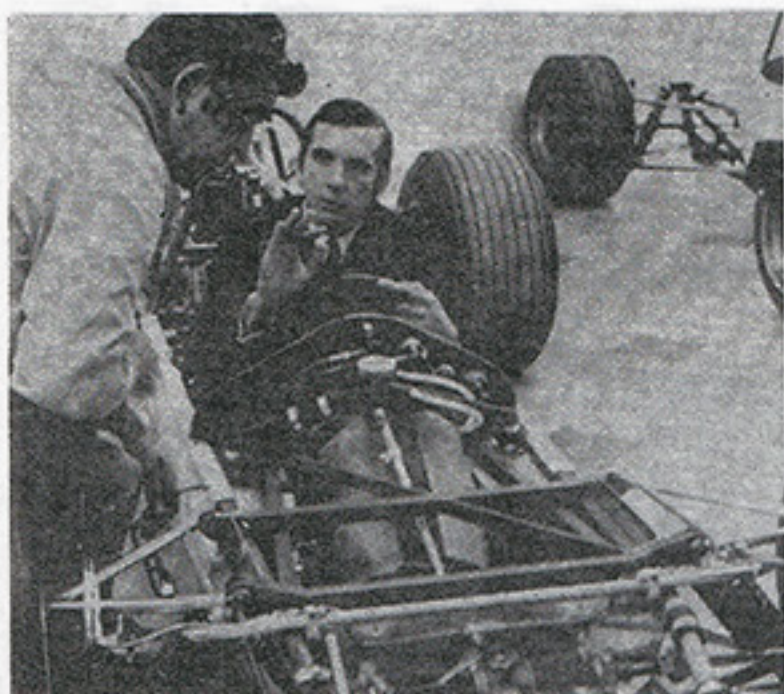


FORAM 10 ANOS CORRENDO PARA SER O MELHOR!

Depois de muitos anos de esperanças, sonhos, alegrias e decepções chegou ao seu final, a carreira de um grande campeão: Emerson Fittipaldi. O filho mais novo de um dos maiores entusiastas em automobilismo no Brasil, o crítico esportivo Wilson Fittipaldi. Curiosamente, quando ele iniciou-se na carreira, todos os vaticínios do pai de ambos, pendiam mais para o lado de Wilson Fittipaldi Junior, que já começava a se destacar nas pistas de Kart na capital paulista. Em 1966, todavia, a profecia de um crítico de São Paulo, contradizia aquilo que o «velho» Barão (como é chamado carinhosamente o pai dos Fittipaldi) apregoava em torno das possibilidades de seus filhos dentro do automobilismo. Wilson, pai, levava fé em Wilson filho. O crítico paulista, entretanto escreveu: «Emerson, irmão de Wilson é o filho mais novo dos Fittipaldi. Isso não quer dizer nada pois dentro de pouco

tempo chegará a obter o título de campeão da Fórmula-1».

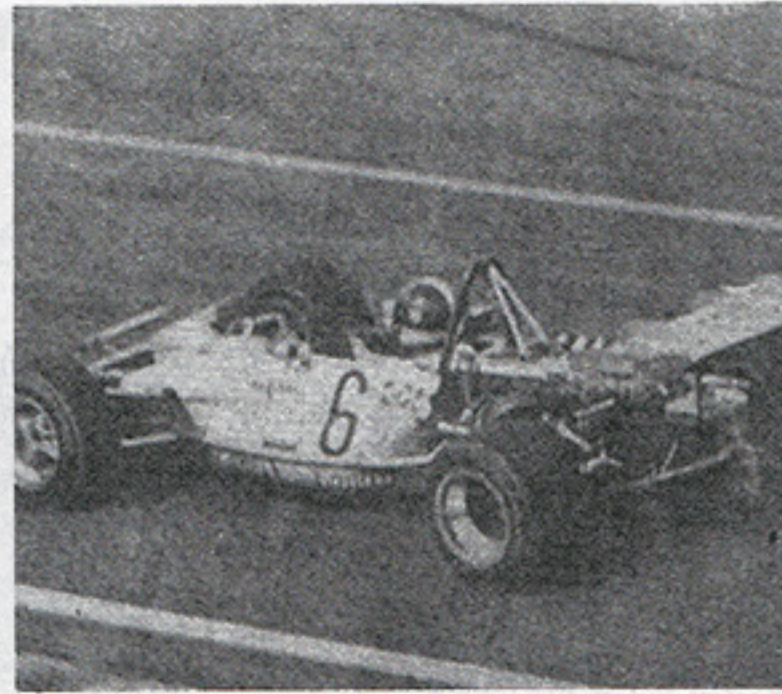
Nesse tempo, é bom esclarecer, Emerson ainda andava às voltas com seu Kart e sua moto, colaborando de perto no carro do seu mano Wilson, que corria na Fórmula-3. Foi aí, do dia para a noite, que tudo acabou se invertendo. Emerson descobriu a sua grande e verdadeira vocação. Pouco a pouco, com seu pai e seu mano Wilson acompanhando tudo de perto ele foi se infiltrando no automobilismo. Quem o via na pista, firme, arrojado, decidido, notava a firmeza em seus pulsos. Arrojo na sua maneira de dirigir. Ganhando todos os prêmios que ia sendo disputado, em bem pouco tempo tornou-se imbatível. As pistas brasileiras já não satisfaziam os anseios e vontade de Emerson. Tornou-se campeão na Fórmula V, Turismo e em todos os protótipos. Dali, então, partiu.



1969. Com Jim Russel provando o F-3



1970 — Igresso na Lotus. Em dois anos, campeão



1974. Com a MC Laren recupera o título

O início da carreira de Emerson Fittipaldi, começou em 1969. De maneira tímida, receioso, pois jamais foi uma criatura atirada, a não ser nas pistas de corrida, apareceu na Inglaterra. Escolheu a Fórmula-Ford com um «Merlyn», preparado por Denis Rowland. Sua primeira corrida foi no dia 7 de abril em Zandvoort. Já no dia 22 de junho, dentro da categoria escolhida, conseguiu o seu primeiro triunfo na pista de Snetterton. Os observadores sentiram, naquele instante, que debaixo daquele figura tímida, se escondia um homem que a pista transformava inteiramente. Repetindo-se, sem tirar e nem por, a história do médico e o monstro. Assim era Emerson. Um fora da pista. Outro homem lá dentro. A sensação que Emerson causou este ano lhe abriram as portas da fama. Jim Russel, que possuía uma Lotus-59, na Fórmula-3, precisava de um piloto. Emerson caiu como uma luva, não, sem antes, receber de seu pai, profundo conhecedor do automobilismo, um caminhão de conselhos.

— Por uma razão, comentou um dia Emerson, meu pai não pretendia esta profissão

para mim. Porém, compreendeu que o automobilismo era minha vocação e soube reconhecer tal coisa. Só me pediu, então, uma coisa: não esquecesse jamais, em qualquer momento, que havia escolhido uma atividade, onde não só arriscava minha vida, como também a de outros pilotos. Este conselho eu jamais o esqueci».

Na metade do ano de 1969 o «ás» brasileiro passa a ser o piloto principal da F-3, de Jim Russel. No dia 13 de julho faz seu «debut» em Mallory Park e, quatro meses mais tarde, no dia 16 de novembro, encerrou em Thrxton um brilhante ciclo com oito vitórias que lhe conferiam o título de campeão do «Lombark Trophy».

Foi quando o seu nome começou a ser olhado com respeito. Os diretores de equipes, já sonhavam em tê-lo como seu piloto. Aquele garoto «tímido» que se transfigurava completamente quando subia num carro de corrida, conseguira vencer o primeiro round.

Com o tempo, o extraordinário Jackie Stewart, diria:

— Era crença geral que o meu grande rival na tempora-

da de 1972, seria Ronnie Peterson. Sem titubear garanti que havia um «garoto» que logrou em três anos o que outros não haviam conseguido em dez ou doze. E os fatos me deram razão. Aquele terrível garoto Emerson Fittipaldi foi o maior adversário que tive pela frente. E isso, notem bem, quando estava apenas começando. Além do seu estilo era impressionante. Para se conduzir um automóvel de corrida é preciso recorrer aos resultados, a fim de avaliar a capacidade de um piloto. E o Emerson, nas últimas dez corridas, abandonou a prova em duas e ganhou as oito restantes. Acho que meu vaticínio havia se cumprido».

Em 1970, mesmo como terceiro, ele ingressou na Lotus. «Para ali fui, confessou Emerson», pensando no meu futuro. Sabia que naquele momento não teria possibilidades. Estas viriam com o tempo. E, quando ela batesse à porta, estaria preparado. Por isso me decidi».

Sua boa estrela, entretanto, o acompanhou de perto. Assim é que no dia 19 de julho de 1970 fez sua primeira corrida. No dia 4 de outubro, na pista de Watkins Glen, penúl-

tima corrida do ano, era um mais no pelotão de corredores. Seu companheiro Jochen Rindt morrera quando praticava na pista de Monza. «O que ocorreu com Jochen foi terrível, disse Emerson. Nunca o esqueci. Comecei, então, a pensar nos perigos, pois agora estava em seu lugar. E foi ali sua primeira vitória. Aí os triunfos se sucederam. Duas vezes campeão do mundo em muitas conquistas brilhantes e duas vezes vice-campeão.

Todavia, o sonho do carro próprio acabou tirando Emerson da luta pelos primeiros lugares. Trocou fama, arriscou todo o seu talento, em busca de resultados inúteis. Quando o alucar se foi, veio a cerveja. O carro, porém, continua ainda nos últimos postos. Sua despedida, recentemente no «Grand Prix» do Rio de Janeiro, provocou algumas lágrimas de seu velho pai. Todos esperavam que Emerson fizesse suas despedidas das pistas, ainda subindo ao pódio, como ocorreu com Stewart. Todavia, sua mãe ria de contentamento e sua esposa já não ficaria mais com o coração nas mãos, vivendo sempre o eterno suspense: como se sairá?

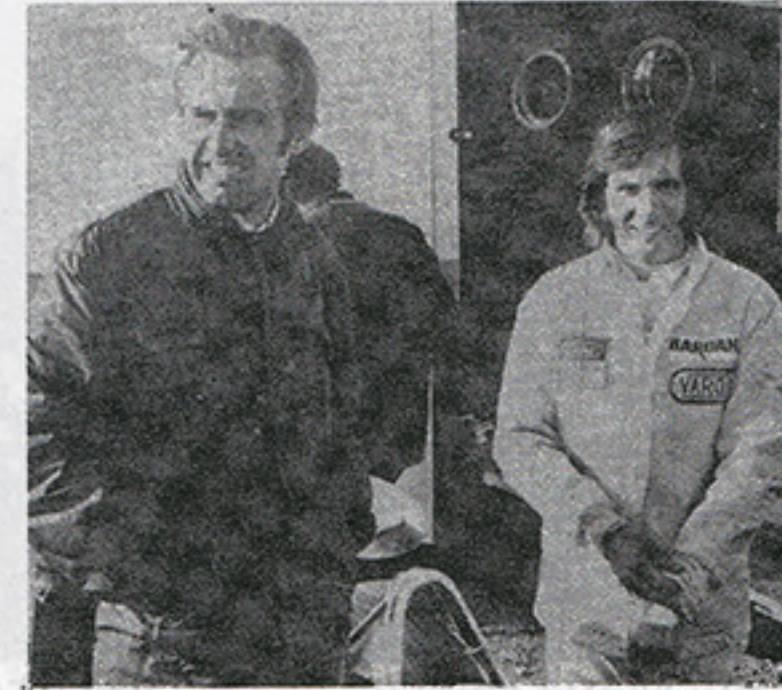
Emerson é o da esquerda. Com seu mano Wilson



Ao tempo das «motocas»



Com Reutemann, quando alternou na F-2





Copersucar, o grande sonho



1979. O skol. Fittipaldi e Keke Rosberg

SEUS 10 ANOS DE FÓRMULA-1



O bicampeonato de Buenos Aires 73/74



Com Maria Helena, sua esposa e seus pais

Data do nascimento: 12 de setembro de 1946
Lugar: São Paulo, Brasil
Estréia em F — 1: 19 de julho de 1970 em Brands Hatch, Inglaterra. Terminou em oitavo a oito giros do ganhador.
Grandes Prêmios corridos: 143
Pole position: 1972, Mônaco, Bélgica e Áustria; 1973: Áustria e, 1974: Brasil e Canadá.
Vitórias: 1970 em Watkins Glen; 1972, na Espanha; Bélgica, Inglaterra, Áustria e Itália. 1973: Argentina, Brasil e Espanha. 1974: Brasil, Bélgica e Canadá. 1975: Argentina e Inglaterra.
Segundos: 1971: Áustria. 1972: África do Sul e França; 1973: Mônaco, Itália, Canadá. 1974: Inglaterra e Itália; 1975: Brasil, Mônaco, Itália e Watkins Glen. 1978: Brasil.
Terceiros: 1971: França e Inglaterra; 1972: Mônaco; 1973: África do Sul e Bélgica; 1974: Espanha e Holanda; 1980: Long Beach.
Quarto: 1970, Alemanha. 1974: Suécia e Watkins Glen. 1975: França. 1977: Argentina, Brasil e Holanda. 1978: Alemanha e Áustria.
Quinto: 1971, Mônaco; 1974, Mônaco; 1977, Long Beach. 1978, Holanda e Watkins Glen.
Sexto: 1973, Alemanha e Watkins Glen; 1976: Long Beach, Mônaco e Inglaterra; 1978: Suécia; 1979: Argentina e 1980: Mônaco.
Recorde de volta: 1973: Argentina, Brasil, África do Sul, Mônaco e Canadá. 1975: Watkins Glen.
Voltas em Corridas: 1.030
Quilômetros corridos: 2.455.874
Máquinas que pilotou: 70/73 — Lotus-Cosworth; 74/75, Mc Laren-Cosworth; 76/78, Copersucar-Cosworth; 79/80, Fittipaldi-Cosworth.
Posições no campeonato: 70, 1º; 71, 6º; 72, campeão;
Posições no campeonato: 70, 10º; 71, 6º; 72, campeão; 73, 2º; 74, campeão; 75, 2º; 76, 16º; 77, 12º; 78, 9º; 79, 21º; 80, 15º. Sua última corrida foi no dia 5 de outubro de 1980 em Watkins Glen. Abandonou a corrida em sua 15ª. volta quando seu carro teve problemas.

CURIOSIDADES INTERNACIONAIS

Reimundo Saporta, presidente do Comitê Organizador do Mundial de 1982, ressaltou em entrevista a uma revista espanhola, o seguinte: «O preço dos ingressos a serem adquiridos por todos aqueles que desejam presenciar o magno certame, será vinte por cento mais baixo do que o do torneio levado a efeito na Argentina. Porém, o que se perde os preços dos ingressos, será recuperado com os contratos feitos com as emissoras de televisão e propaganda estática nos estádios. Os ibéricos acreditam que conseguirão faturar oitenta por cento a mais do que foi arrecadado na Argentina. Para os jogos inaugural e final, o ingresso mais elevado custará cerca de 40 dólares e o mais barato 9 dólares.

Dentro da Taça «libertadores da América», em todos os seus últimos nove anos, nenhuma, agremiação da Argentina conseguirá vencer em gramados da Colômbia. O «tabu» foi quebrado pelo Rosário Central, ao superar o Junior, em Barranquilla. O River Plate, com seu poderoso time, não logrou vencer naquele país.

O Canal 5 de Televisão de Milão, na Itália, juntamente com os dois clubes da cidade, Inter e Milan, programaram um torneio pentagonal anual, entre todos os ganhadores da Taça «Libertadores da América» e do Velho Mundo. Ele será disputado em junho e o Boca Juniors, da Argentina, deveria participar da competição, com a quota de 50 mil dólares, por peleja. O quadro platino, entretanto, não confirmou sua presença e já adiantou aos promotores do «Supermundial» que por menos de 120 mil dólares, desde que conta com o concurso de Maradona, não disputará nenhum prélio fora do campeonato argentino.



Pelé, apesar de haver abandonado a profissão, continua faturando. E faturando alto. Durante o mês de abril iniciou suas atividades na Europa, começando pela Espanha, para lançar o mais novo produto da Ataria, subsidiária da Warner, ou seja, o «Pelé Soccer Game». Trata-se de um jogo de futebol eletrônico, destinado aos aparelhos de televisão. Foi recebido em audiência pelo Rei Carlos, deslocando-se depois para Inglaterra, Alemanha, Bélgica e França. Seu contrato com a Warner, para os que ainda não sabem, tem uma duração de cinco anos. Anualmente, também, ele dá aulas para os garotos, nos períodos de férias escolares, no «Pelé Soccer Camps».

Em maio Pelé também estará recebendo o título que lhe foi conferido pelo jornal esportivo francês L'Equipe, como «Desportista do Século. O Cosmos através do seu presidente Ahmet Ertegun, (foto) antecipando-se a essa homenagem, já entregou ao «Rei» uma salva de prata alusiva ao título conferido pelos franceses, onde Pelé goza de grande estima.

Livio Pallotta, defensor do CSEN Sulmona, equipe da série D, na Itália, foi eliminado pela Federação de Futebol daquele país por haver cuspidado, insultado e batido num apitador de futebol após uma partida realizada no campo daquela agremiação.

Contrariando a medida adotada na Inglaterra, que extinguiu os cartões amarelo e vermelho, a FIFA fez a seguinte recomendação: «O sistema de cartões, para assinalar uma admoestação e expulsão, deveria ser empregado em todo o mundo, em competições de alto nível».

O arbitro português Antonio Pitta, de 26 anos, morreu no Estádio de Lisboa, vítima da intoxicação de gás. A família daquele apitador já entrou com uma ação contra a Prefeitura da cidade, pedindo uma elevada indenização pelo triste e doloroso acidente. Acusa o poder público de não cuidar, como devia, daquela praça de esportes.

João «do pulo», o destacado saltador de triplice do Brasil, que tome cuidado com Keith Connor, 24 anos, inglês, também «colored». Em uma recente competição em ginásio coberto, ele conseguiu o salto fantástico de 17m 31. João atualmente não está chegando aos 17 metros.

Niki Lauda o ex-corredor automobilístico, hoje dono de uma Linha Aérea em seu país, obteve, com base em lei austriaca, para sequestro e difamação, autorização para processar o semanário «Profil» que o acusou de sonegador do imposto de renda, provocando um escândalo tremendo. Está pedindo uma soma, capaz de fechar aquele jornal, para reparação de bens e de sua moral. A causa está quase ganha.

Toni Schumacher, o atual arqueiro da Seleção germânica de futebol e defensor do Colônia, foi o portavoza dos seus colegas de profissão, em toda a Alemanha, para conseguir parte dos lucros obtidos pelas suas agremiações ao final das temporadas, após a confecção do balanço. Se a moda pega...



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAH
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ